

O homem que sabia todos os nomes

Antes de o sol nascer, o portão já sabia que ele estava chegando. Esperava-o na ferrugem das dobradiças, no ferro frio da fechadura e naquele rangido fino que atravessava o cemitério e seguia para além do muro baixo. Ali, a terra começava de novo: rasa, seca, riscada de raízes mortas.

O velho chegava ainda no escuro. Trazia o molho de chaves preso à cintura, um cantil de alumínio, a enxada apoiada no ombro e um pedacinho de pano dobrado no bolso da calça. Caminhava a passos lentos. Nunca tivera muita pressa.

O cachorro já o esperava. Deitado junto ao portão, parecia feito da mesma matéria do chão. Bem magrinho, mufino e marrom. O pelo endurecido de pó. Uma orelha caída; a outra, atenta.

O velho parou diante do portão, olhou para as cruzes mergulhadas na penumbra e disse:

— Bom dia, pessoal.

O cachorro se pôs de pé. O velho abriu a tranca. O ferro rangeu.

A brita estalava sob as botinas. As unhas do animal riscavam o chão. Ainda não havia pássaros. Só o vento, que passava raspando as cruzes, e os insetos escondidos no mato baixo.

Começou, como sempre, pela fileira da direita.

— Bom dia, Dona Maria.

Passou a ponta dos dedos sobre as letras cobertas de poeira. O nome apareceu aos poucos: primeiro o M, depois o A, depois o resto. Tirou o paninho do bolso, cuspiu num canto e esfregou a placa de mármore. O vento trouxe a poeira de volta.

O retrato de Dona Maria quase não tinha mais rosto. O sol já lhe comera os olhos e o nariz. Restavam apenas a boca e o contorno do cabelo preso atrás da cabeça.

— Ela fazia queijo, a Dona Maria.

Na feira, guardava para ele um pedaço embrulhado num paninho estampado. Dizia que homem que cavava terra precisava de sustança.

Ele ajeitou uma florzinha de plástico caída. O vento a derrubou.

— Diabo de vento teimoso.

O velho tornou a ajeitá-la.

— Fique quieta, Dona Maria.

Seguiu.

— Cheguei pra cuidar do senhor, Seu Joaquim.

A cruz de madeira pendia para a esquerda, como Seu Joaquim pendia ao parar para conversar: uma mão na cintura, a outra segurando o chapéu contra o peito.

O velho se agachou, puxou a cruz para si e apertou a terra ao redor da base com as duas mãos.

— O senhor nunca teve jeito de ficar direito, né, Seu Joaquim?

Seu Joaquim assobiava mal. Toda tarde, ao passar pela estrada, soltava duas ou três notas da mesma cantiga e errava sempre no mesmo lugar. O velho nunca soubera o nome da música. Lembrava apenas do erro.

Mais adiante, parou em frente a uma lápide coberta de musgo.

— Bom dia, professor.

O musgo úmido e ralo avançara sobre as letras. O velho raspou-o com a unha, devagar, até o nome reaparecer.

Professor Anselmo tinha a caligrafia mais bonita da cidade. Foi com ele, nas aulas do supletivo, que o velho aprendera a juntar as letras. Mais tarde, quando começou a trabalhar no cemitério, foi o professor quem lhe ensinou a copiar sem erro os nomes dos mortos.

— O senhor escrevia mais bonito do que esse povo que grava as lápides.

O velho contornou a sepultura. Nunca pisava sobre nenhuma.

O cachorro veio atrás. Pararam diante de uma cova baixa, cercada por pedras pequenas.

— Oh, menino Luisinho.

O velho não disse mais nada.

O cachorro cheirou a terra, deu duas voltas em torno do próprio corpo e se deitou ao lado da cruz, no pouco de sombra que ela fazia. O chão ainda guardava um resto morno da noite.

Quando o sol apareceu, veio de uma vez. Não dourou o horizonte nem se abriu aos poucos. Subiu inteiro, empurrando a escuridão para trás dos muros. As pedras esquentaram. As cruzes ganharam arestas mais nítidas. A poeira, antes cinza, tornou-se ocre.

O velho seguiu sua ronda. Deslizava os dedos grossos sobre cada nome gravado e chamava os mortos em voz alta. Falava devagar, sem tropeçar nas sílabas. Pronunciava os nomes inteiros. Conferia se todas as letras ainda estavam no lugar.

Dona Luzia nunca faltava à novena. Sentava-se na primeira fileira e rezava num sussurro sibilado, sílaba por sílaba, sem perder uma palavra.

Dona Ana escondia rapaduras no armário. Quando os netos chegavam, rasgava às pressas o papel pardo e ria da fome das crianças.

Seu Fabiano ria no meio da missa. Ria rouco, rasgado, retesando os ombros. O padre cerrava o rosto; ele segurava o riso; a risada irrompia outra vez.

Naquela manhã, trabalharia num enterro. A cova já estava aberta quando o caixão chegou. Dentro dele vinha Dona Sebastiana. Compareceram três

peessoas: uma filha, um genro e uma mulher da igreja. A filha chorou baixo. O genro olhou várias vezes para o relógio. A mulher da igreja rezou depressa. Foram embora antes que a terra terminasse de cair.

O velho permaneceu.

As pás entravam no chão ressequido. O ferro batia na terra como se cavasse pedra. O rapaz da prefeitura limpou o suor da testa.

— Chão danado de duro.

— É que terra seca emburra — respondeu o velho.

Continuaram.

Depois de algum tempo, o velho falou:

— Quando eu morrer, não me enterra muito fundo, não, viu?

O rapaz riu.

— Tem medo? —

Tenho, não.

— Então por quê?

O velho deu de ombros.

— Vai que a chuva chega.

O rapaz riu outra vez.

O velho tornou a enfiar a pá na terra.

Quando fecharam a cova, o cachorro caminhou em volta da terra recém-batida, cheirou as flores e se deitou ao lado.

— Ele faz isso com todo mundo? — perguntou o rapaz.

— Faz.

— Por quê?

O velho olhou para o animal.

— Não sei.

Na manhã seguinte, o portão não se abriu.

O cachorro esperou do lado de fora. O sol subiu. As pedras esquentaram. O ferro da tranca clareou sob a luz. Ninguém veio.

Ao meio-dia, o animal se deitou junto ao muro. À tarde, levantou-se ao ouvir, enfim, passos.

Era o rapaz da prefeitura. Trazia as chaves. Atrás dele vinha outro homem. Abriram o portão. O cachorro entrou primeiro.

Naquela manhã, haviam encontrado o velho em casa, sentado numa cadeira junto à janela. O cantil estava sobre a mesa. As botinas, debaixo da cama. A enxada permanecera encostada à parede.

O molho de chaves não estava com ele.

Ninguém soube dizer quando morrera. Deve ter sido durante a noite, disseram.

O enterro aconteceu dois dias depois. O caixão chegou na carroceria de uma caminhonete.

Vieram os dois funcionários da prefeitura, duas mulheres da igreja, um homem que dizia ter conhecido o velho quando menino e uma sobrinha que morava longe.

O cachorro ficou perto do portão quando o caixão entrou e depois seguiu o cortejo. Passaram por Dona Maria. Por Seu Joaquim. Pelo professor Anselmo. Pelo menino Luisinho.

Diante de cada túmulo, o cachorro demorava um instante antes de seguir.

O caixão parou junto à cova aberta. O padre não veio. Uma das mulheres da igreja puxou a oração. A sobrinha segurava um lenço dobrado entre as mãos. O homem que conhecera o velho quando menino disse que ele era trabalhador. Disse que conhecia o cemitério como ninguém. Não disse como ele se chamava.

Quando baixaram o caixão, a corda rangeu contra a madeira. O cachorro se aproximou. Um dos homens fez sinal para afastá-lo.

— Deixe — disse a mulher da igreja.

O animal ficou. Não latiu. Ficou só olhando.

Quando todos se foram, deitou-se perto da terra aberta. Os dois homens da prefeitura permaneceram para terminar o serviço.

A pá entrava. A terra caía. O pó pairava por alguns segundos e depois pousava sobre tudo.

Um deles olhou para a cova.

— Tá rasa.

— Tá bom assim.

Continuaram.

Quando a cova já estava quase fechada, o homem da barba apoiou as mãos no cabo da pá.

— Como era mesmo o nome dele?

O rapaz o encarou.

— Do velho?

— É.

— José?

— José era o outro.

— Antônio?

— Acho que não.

O cachorro ergueu a cabeça. O vento passou entre as cruzes.

— Era nome curto.

— Começava com o quê?

Nenhum dos dois respondeu.

O homem da barba tirou o chapéu. Olhou para a cruz provisória. Não havia placa.

— Não botaram o nome?

— Depois botam.

— Quem?

O rapaz deu de ombros.

Ficaram um instante em silêncio.

— Ah... não importa.

O homem da barba fincou a pá na terra. O outro fez o mesmo.

— Deus há de recebê-lo.

Baixaram a cabeça.

— Pai nosso que estais no céu...

A pá entrou.

— ...santificado seja o Vosso nome...

A terra caiu pesada.

— ...venha a nós o Vosso reino...

Outra pá. Barro. Pó.

— ...seja feita a Vossa vontade...

A borda da cova desapareceu sob a terra. O céu guardou a chuva para outro dia.

Quando terminaram, os dois homens puseram os chapéus, guardaram as pás e fecharam o portão.

O cachorro permaneceu junto à sepultura. Depois se levantou devagar, cheirou a terra ainda morna, deu duas voltas em torno do próprio corpo e tornou a se deitar. A noite chegou.

Pela primeira vez, ninguém chamou os mortos pelo nome.

Dolores de Las Dores